

Que traçados faz o léxico do Nordeste? (Considerações a partir do *Atlas linguístico do Brasil*)

Suzana Alice Marcelino Cardoso
(UFBA/CNPq)

Introdução

A língua define o seu espaço pelos traços que revela nos deferentes níveis de abordagem através dos quais pode ser observada. Tal sentimento de “individualidade” é percebido mesmo pelos não especialistas nos estudos linguísticos. Eis por que se ouvem, com frequência, frases como “Fulano fala diferente de nós”, “Ele chia quando fala, nós não”, “O R deles é bem diferente do de cá”, “Aqui se chama por outro nome”, e por aí vão os exemplos de manifestação do falante não especialista nos estudos da linguagem. E isso se dá, exatamente, porque: (i) o aspecto fônico, a maneira como se realizam os fonemas, atinge o ouvido do falante e o faz perceber o que distingue as elocuições em um grupo de pessoas — os que têm um R retroflexo e outros que não o têm, por exemplo; (ii) o léxico mostra de forma mais concreta as diferenças de uso que, muitas vezes, interferem na comunicação — querer comprar *inhame* e não o encontrar porque as placas só indicam a venda de *cará*, denominação vigente para a raiz, em São Paulo, em contraposição à maneira de identificá-la entre nós; (iii) a sintaxe, ao mostrar as diferenças, em certos casos, estratifica, qualificando os falantes em mais próximos ou mais afastados da norma linguística — *a gente fomos* ao lado de *a gente foi*. Desse modo, podemos falar de uma língua vinculada a uma região geográfica, por exemplo, o falar gaúcho, a língua amazônica, a língua do Nordeste, exatamente porque a variedade de usos que se registra, em cada canto, revela os traços fonéticos da área, as preferências lexicais e as maneiras de construção da informação nos seus

variados modos de organização sintática, assegurando-lhe o caráter regional no uso da língua e a sua individualidade.

Com tal entendimento, busca-se examinar um dos níveis da língua, o relativo ao aspecto lexical no Nordeste, partindo de dados que nos oferece o *Atlas linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014a, 2014b), na tentativa de identificar que traçados faz o léxico dessa região a ponto de delinear essa área do território brasileiro, definindo os seus contornos e determinando os seus limites linguísticos.

1 A área pesquisada

Para tanto, examinam-se, prioritariamente, itens documentados nas capitais dos Estados do Nordeste a partir do que se registra no volume 2 do *Atlas linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014b), buscando (i) identificar particularidades lexicais da área, (ii) descrever itens do léxico que assinalam os traços da região e (iii) mostrar a contribuição dos atlas linguísticos para o conhecimento da realidade lexical do País.

Como já é do conhecimento, pelo menos da comunidade vinculada aos estudos do português brasileiro, o *Atlas linguístico do Brasil* se fundamenta em um *corpus* constituído a partir de dados coletados, *in loco*, a 1.100 informantes, distribuídos por 250 localidades que recobrem as diferentes regiões geográficas do país, como se tem proclamado, “do Oiapoque (ponto 1 da rede) ao Chuí (ponto 250)”. Essa caminhada compreende uma recolha iniciada em 2001 e concluída em 2013, depois de serem percorridos 257.851 km, pelas terras, pelas águas e pelos céus brasileiros, num trabalho conjunto empreendido pelas equipes regionais do ALiB, que constituem o que já tem um nome de batismo consagrado: *Família ALiB*.

Desse conjunto de informantes, 200 se situam nas capitais de Estado e se estratificam em duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, em dois sexos e por dois níveis de escolaridade — informantes com nível de escolaridade fundamental e universitário. A presença de dois níveis de escolaridade apenas nas capitais se justifica pela inexistência de condições que assegurassem, nos mais longínquos rincões, idêntico perfil para os informantes. Por outro lado, a abordagem de informantes de apenas duas faixas etárias, as extremas, desprezando-se a intermediária, resulta de posição metodológica assumida no sentido de reduzir dificuldades (custo, tempo de execução) na coleta de dados. A opção, portanto, por faixas extremas permite atingir-se o tipo de confronto desejado.

Das informações, respostas aos questionários, já cartografadas no volume 2, nos ocupamos neste texto, tomando para exame algumas das cartas lexicais cujos dados revelam a realidade das nove capitais nordestinas, sobre as quais se fornecem breves informações.

2 Breve informação sobre as capitais do Nordeste

O volume 1 do *Atlas linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014a) traz um conjunto de informações sobre o histórico e a metodologia do Projeto e o volume 2 (CARDOSO et al., 2014b), na parte introdutória, nos oferece informações específicas sobre as capitais, cujos dados são objeto da cartografia nesse volume. Do estudo que faz Isquerdo, extraímos o que a seguir se apresenta, visando a uma breve caracterização de cada uma das cidades consideradas.

Tendo em vista a época de surgimento, das nove capitais do Nordeste, quatro delas — Salvador, Recife, João Pessoa e Natal — datam do século XVI. Quatro outras — Maceió, Fortaleza, São Luís e Teresina — têm a sua fundação no século XVII. A nona das capitais, Aracaju, surge no século XIX (cf. ISQUERDO, p. 11. In: CARDOSO et al., 2014b). Como se pode observar, as oito primeiras capitais tiveram origem no Brasil colônia e apenas Aracaju surge no período republicano. Esse aspecto relativo à cronologia da fundação pode ter reflexos na própria variedade de uso da língua que se instala em cada região.

Do ponto de vista da denominação que recebe cada uma delas, Isquerdo (In: CARDOSO et al., 2014b, p. 23) reúne as capitais considerando o motivo, a causa da denominação. Assim, identifica aquelas que remetem a sentimento religioso — Salvador, São Luís; as que se apresentam como nomes descritivos da natureza física — Aracaju, Maceió, Recife; e nome que remete à atividade profissional — Fortaleza.

Quanto à recolha dos dados nas capitais, deu-se em um período continuado, o que assegura não distanciamento na coleta das informações. Por considerar três variáveis na composição dos informantes das capitais — sexo, idade e escolaridade —, deliberou-se por apresentar, inicialmente, o conjunto de resultados das capitais, conforme se configura no volume 2, já publicado, e nos volumes 3, 4 e 5, em fase de preparação.

Postas essas considerações iniciais, passa-se ao exame de algumas características do léxico do Nordeste.

3 Aspectos do léxico do Nordeste brasileiro

Examina-se, para as considerações que se fazem a seguir, um conjunto de cinco cartas linguísticas lexicais que integram o Volume 2 do *Atlas linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014b), assim identificadas: L05 e L05a a L05e (TANGERINA), L07 e L07a a L07e (INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA), L11 e L11a a L11e (GALINHA D'ANGOLA), L12 e L12a a L12e (LIBÉLULA) e L24 (BALA). Para os quatro primeiros casos tomamos a carta geral referente ao Brasil e as relativas a cada uma das cinco regiões geográficas, e para o último, a carta geral do Brasil. As cartas gerais registram o conjunto de variantes com maior índice

de ocorrência nas capitais e as regionais, o que é específico daquela área, registro que se faz quando as denominações dadas ao item semântico-lexical considerado se apresentam de forma representativa em cada uma das regiões. Para atender a esse critério de disposição das informações, apresentam-se, a seguir, quadros gerais nos quais constam os resultados de todas as capitais, agrupadas por região geográfica, para, a seguir, tecerem-se considerações sobre a realidade específica de cada área geográfica.

3.1 Considerações gerais sobre as cartas selecionadas

Registram-se, nas capitais brasileiras, nove denominações para TANGERINA — Cartas L05 e L05a a L05e –, das quais três delas estão presentes em todas as regiões geográficas, como se vê indicado no Quadro 1¹.

Quadro 1 Denominações para TANGERINA nas capitais brasileiras.

Variantes \ Região	NORTE	NORDESTE	CENTRO- -OESTE	SUDESTE	SUL
<i>tangerina</i>	X	X	X	X	X
<i>mexerica</i>	X	X	X	X	X
<i>poncã</i>	X	X	X	X	X
<i>naricote</i>			X	X	
<i>laranja-cravo</i>		X			
<i>tanja</i>		X			
<i>carioquinha</i>				X	
<i>bergamota</i>					X
<i>mimosa</i>					X

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborado pela autora.

Para a INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA, Cartas L07 e L07a a L07e, documenta-se um total de 13 variantes, observando-se que a Região Nordeste se apresenta como a mais pródiga, com o registro de um conjunto de nove denominações.

1 A enumeração das variantes nos quadros-resumo dos dados das cartas se faz a partir do que registra a carta geral, referentes a todas as capitais, a que se seguem os registros regionais, a começar da Região Norte.

Quadro 2 Denominações para Inflorescência da Bananeira nas capitais brasileiras.

Região Variante	NORTE	NORDESTE	CENTRO- -OESTE	SUDESTE	SUL
<i>mangará</i>	X	X			
<i>umbigo</i>	X	X	X	X	X
<i>flor da banana</i>	X		X	X	
<i>flor da bananeira</i>		X			X
<i>coração da bananeira</i>		X			
<i>coração do boi</i>					X
<i>coração do cacho</i>			X		
<i>pendão</i>		X			
<i>buzo da bananeira</i>		X			
<i>mangai</i>		X			
<i>pêndulo</i>		X	X		
<i>buzina</i>		X		X	
<i>coração</i>				X	

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborado pela autora.

GALINHA D'ANGOLA, Cartas L11 e L11a a L11e, apresenta um conjunto de 13 variantes, observando-se que apenas uma delas — *galinha d'angola* — se documenta em todas as regiões. Mais uma vez, a Região Nordeste figura como a mais produtiva uma vez que apresenta oito variantes para denominar essa ave, como se vê no Quadro 3.

Quadro 3 Denominações para GALINHA D'ANGOLA nas capitais brasileiras.

Região Variante	NORTE	NORDESTE	CENTRO- -OESTE	SUDESTE	SUL
<i>galinha d'angola</i>	X	X	X	X	X
<i>tô-fraco</i>	X	X		X	X
<i>capote</i>	X	X			
<i>guiné</i>		X			

(continua)

Quadro 3 Denominações para GALINHA D'ANGOLA nas capitais brasileiras (*continuação*)

Variantes \ Região	NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
<i>picote</i>	X				
<i>capote</i>					
<i>capão</i>		X			
<i>galinha d'água</i>		X			
<i>saqué</i>		X			
<i>catraia</i>		X			
<i>galinhola</i>				X	
<i>angolista</i>					X
<i>cocar</i>			X		

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborado pela autora.

O ALiB registra nas Cartas L12 e L12a a L12e — LIBÉLULA um amplo conjunto de variantes, num total de 18 formas documentadas, das quais 10 se localizam na Região Nordeste, que se tem revelado pródiga no criar nomes para itens semântico-lexicais, como se mostra no Quadro 4.

Quadro 4 Denominações para LIBÉLULA nas capitais brasileiras.

Variantes \ Região	NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
<i>libélula</i>		X	X	X	X
<i>helicóptero</i>		X	X	X	X
<i>bate-bunda</i>			X		
<i>lava-bunda</i>			X	X	X
<i>lava-cu</i>		X			
<i>jacinta</i>					
<i>zigue-zigue</i>		X			
<i>cigarra</i>				X	X

(*continua*)

Quadro 4 Denominações para LIBÉLULA nas capitais brasileiras (*continuação*)

Região \ Variantes	NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
<i>cavalo-do-cão</i>		X			
<i>lavadeira</i>				X	
<i>cachimbal</i>		X			
<i>cavalo</i>		X			
<i>catirina</i>		X			
<i>macaco</i>		X			
<i>mané-magro</i>		X			
<i>besouro</i>					X
<i>assa-peixe</i>			X		
<i>olho de peixe</i>			X		

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborado pela autora.

A tão apreciada pelas crianças, e por muitos adultos também, *bala* tem no território brasileiro um perfil de variantes bem definidas do ponto de vista espacial, como se vê do que nos fornece a Carta L24 — BALA, que mostra um conjunto de cinco denominações, das quais prevalece *bala*, documentada em todas as regiões geográficas.

Quadro 5 Denominações para BALA nas capitais brasileiras.

Região \ Variantes	NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
<i>bala</i>	X	X	X	X	X
<i>bombom</i>	X	X			
<i>caramelo</i>		X	X		
<i>confeito</i>		X			
<i>queimado</i>		X			

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborado pela autora.

Da síntese das informações constantes dos Quadros 1 a 5 apresenta-se, em destaque, o conjunto de variantes que só se registram no Nordeste, distribuídas pelas capitais onde se documentam (Quadros 6 a 10), e se fornece, após cada

Quadro 7 Inflorescência da bananeira: ocorrências específicas no Nordeste.

Capitais \ Variantes	<i>pendão</i>	<i>buzo da bananeira</i>	<i>mangai</i>
São Luís			
Teresina			
Fortaleza			
Natal			X
João Pessoa			
Recife			X
Maceió		X	
Aracaju	X	X	
Salvador			

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborado pela autora.

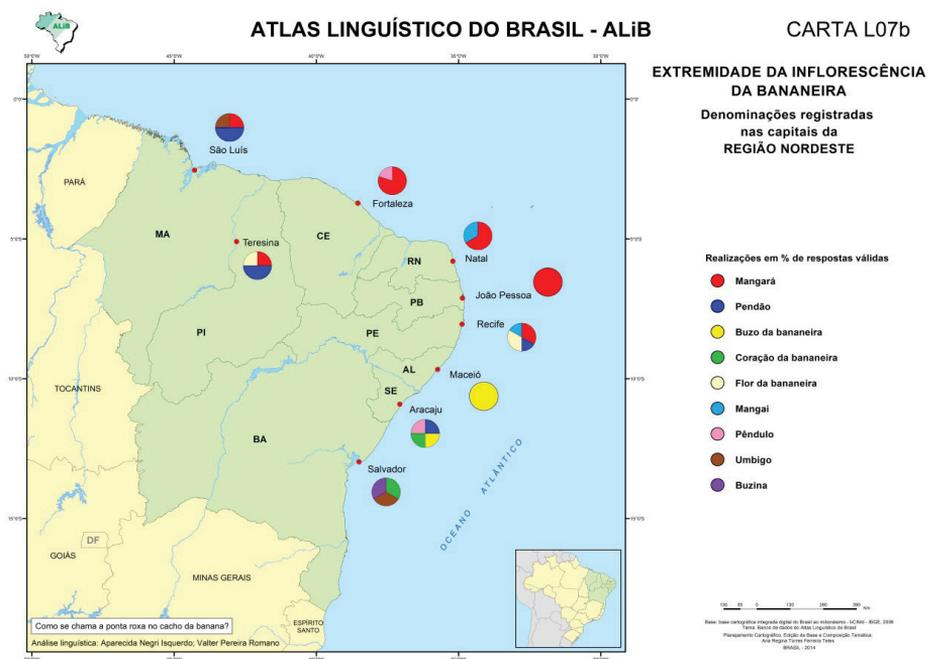


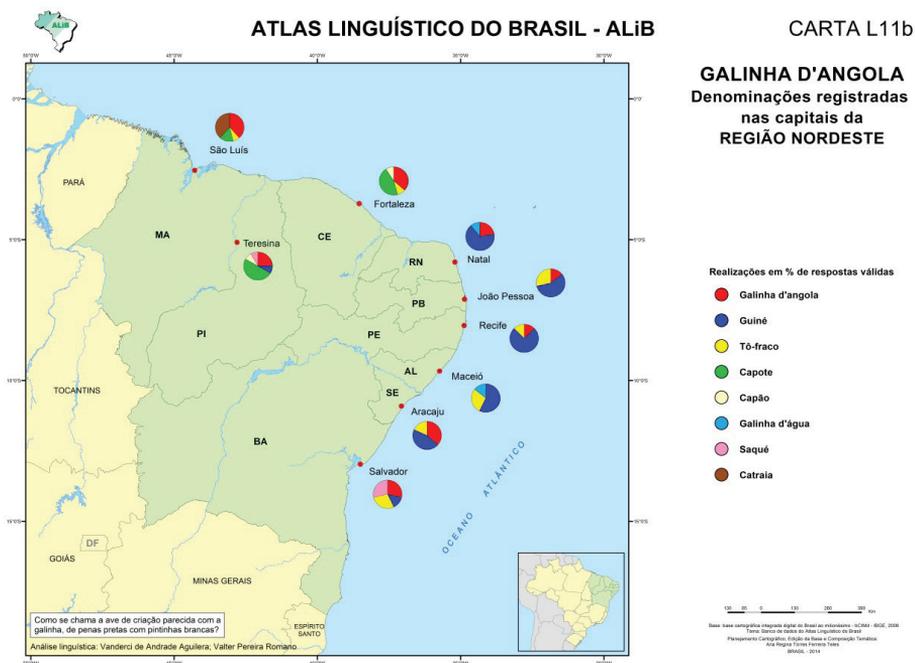
Figura 2

Fonte: CARDOSO et al. 2014b, p. 177.

Quadro 8 GALINHA D'ANGOLA: ocorrências específicas no Nordeste.

Variantes	<i>guiné</i>	<i>capão</i>	<i>galinha d'água</i>	<i>saqué</i>	<i>catraia</i>
São Luís					X
Teresina	X	X		X	
Fortaleza		X			
Natal	X		X		
João Pessoa	X				
Recife	X				
Maceió	X		X		
Aracaju	X				
Salvador	X			X	

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborada pela autora.

**Figura 3**

Fonte: CARDOSO et al. 2014b, p. 195.

Quadro 9 LIBÉLULA: ocorrências específicas no Nordeste.

Capitais	Variantes	zigue-zigue	cachim-bal	catirina	lava-cu	macaco	mané-magro
São Luís						X	
Teresina				X			
Fortaleza		X					X
Natal		X					
João Pessoa		X					
Recife		X					
Maceió		X	X				
Aracaju		X	X		X		
Salvador							

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborado pela autora.

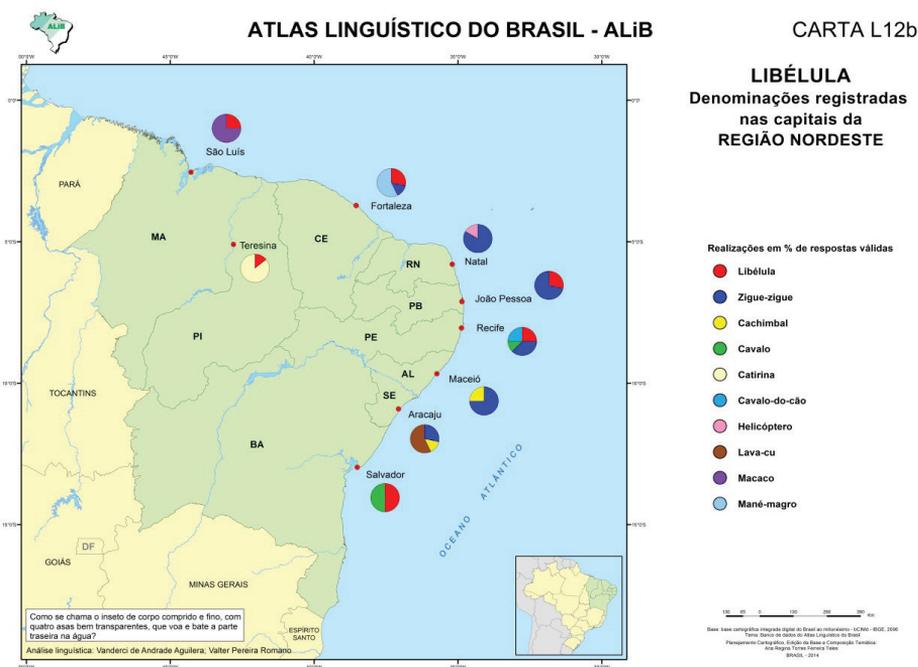


Figura 4

Fonte: CARDOSO et al. 2014b, p. 207.

Quadro 10 BALA: ocorrências específicas no Nordeste.

Capitais \ Variantes	Confeito	Queimado
São Luís		
Teresina		
Fortaleza		
Natal	X	
João Pessoa	X	
Recife	X	
Maceió	X	
Aracaju		
Salvador		X

Fonte: CARDOSO et al., 2014b. Elaborado pela autora.



Figura 5

Fonte: CARDOSO et al. 2014b, p. 327.

As variantes registradas nos Quadros 6 a 10 mostram um conjunto de formas cuja ocorrência se dá apenas na Região Nordeste, como exibem as cartas linguísticas reproduzidas, e assim podem ser resumidas:

TANGERINA: *tanja, laranja cravo*

INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA: *pendão, buzo da bananeira, mangai*

GALINHA D'ANGOLA: *guiné, capão, galinha d'água, saqué, catraia*

LIBÉLULA: *zigue-zigue, cachimbal, catirina, lava-cu, macaco, mané-magro*

BALA: *confeito, queimado*

Esse breve passeio sobre os registros selecionados mostra-nos que a Região Nordeste, no que diz respeito ao léxico e considerando as cartas examinadas, apresenta traços peculiares que a identificam perante as demais e configuram o seu perfil².

4 Reflexões finais

O exame de apenas cinco cartas do *Atlas linguístico do Brasil*, só com dados das capitais, nada obstante a dimensão do *corpus* selecionado, já faz algumas revelações sobre o léxico do português brasileiro.

Inicialmente, observa-se que no rol das capitais brasileiras, pode-se identificar, nesse conjunto de cartas, variantes ocorrentes apenas nas capitais do Nordeste, como se mostrou nos Quadros 1 a 5.

Das variantes específicas dessa região, verifica-se que algumas se expandem por maior número de capitais, como mostram os índices de ocorrência de: *guiné*, em sete capitais; *zigue-zigue*, em seis; *confeito*, em quatro, e *laranja cravo* em três. Das variantes destacadas, observa-se que todas elas se fazem presentes num *continuum* de três das capitais — Natal, João Pessoa e Recife —, todas fundadas no século XVI. Desse mesmo século tem-se ainda Salvador, que, no entanto, não

2 Sobre o conjunto de variantes referentes a itens lexicais apresentados nas cartas linguísticas trazidas à consideração neste trabalho, estudos têm sido produzidos. Podem ser consultados: a recente publicação de Vanderci de Andrade Aguilera, Maria do Socorro Aragão, Aparecida Negri Isquierdo e Jacyra Andrade Mota, *Varição fônica e léxico-semântica no português do Brasil a partir de dados do projeto ALiB* (In: SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de, MARTINS, Marco Antônio (org.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 73-95); o artigo de Conceição de Maria de Araújo Ramos, José de Ribamar Mendes Bezerra, Maria de Fátima Sopas Rocha e Mírian Rodrigues Reis, *No céu do Maranhão, cruzam-se catirinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense* (In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; PAIM, Marcela Moura Torres. *Documentos 3*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 263-280) e, acrescente-se, o Volume 3 do *Atlas linguístico do Brasil*, voltado para comentários às cartas linguísticas publicadas no Volume 2, no prelo.

acompanha integralmente as demais, seguindo-as apenas no que se refere ao registro de *guiné*.

Salvador parece situar-se numa posição diferenciada em relação às demais capitais da região, pelo menos no que se refere a essas cartas tomadas para análise. Das 18 variantes aqui trazidas para cinco itens semântico-lexicais, Salvador compartilha apenas com duas delas — *guiné* e *saqué* —, referentes a dois dos itens, uma vez que a terceira — *queimado* —, que se registra nessa capital, é exclusiva da sua área.

De forma similar a Salvador, São Luís, nesses cinco casos examinados, comparece com três variantes, duas das quais são específicas dessa capital — *catraia* e *macaco* — e apenas uma — *tanja* — é comum a essa capital e a Teresina. Verificados casos, em outras cartas, que apresentem esse mesmo perfil, há de se perguntar se São Luís não estaria, do ponto de vista linguístico, mais próxima da região Norte. É uma resposta a se buscar, oportunamente.

Com essa pequena amostra, pode-se concluir dizendo da importância dos estudos geolinguísticos para a identificação de áreas dialetais e para o entendimento da formação linguística do território brasileiro.

Referências

- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso et al. *Atlas linguístico do Brasil*. v. 1. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso et al. *Atlas linguístico do Brasil*. v. 2. Cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014b.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Capitais brasileiras: um olhar para a história da cidade e a história do nome. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso et al. *Atlas linguístico do Brasil*. v. 2. Cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014b, p. 11-27.